

Experiência e formação profissional tecnológica

Entrevista com José Carlos Bortot

Wilton Garcia

Doutor em Comunicação pela USP.
Pós-Doutor em Multimeios Pela Unicamp.
Professor Pleno da Fatec Itaquaquecetuba e do
Mestrado em Comunicação e Cultura da Uniso.
E-mail: wgarcia@usp.br

Recebido: 29 mai. 2016

Aprovado: 23 ago. 2016

Resumo: José Carlos Bortot possui graduação em Ciências Econômicas e Administrativas pela Fundação Santo André (1967) e mestrado em Engenharia Elétrica pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003). É professor Pleno na Fatec Itaquaquecetuba e leciona Linguagem de Programação no GTI. Tem experiência na área de Ciência da Computação, com ênfase em Software Básico, atuando principalmente nos seguintes temas: computação evolutiva; algoritmos genéticos; autômatos celulares; e otimização multiobjetivos.

Palavras-Chave: Tecnologia. Gestão. Experiência e Formação Profissional.

Abstract: José Carlos Bortot holds a degree in Economics and Administrative Sciences from the Santo André Foundation (1967) and a Master's degree in Electrical Engineering from Universidade Presbiteriana Mackenzie (2003). He has a Full Professor at Fatec Itaquaquecetuba and teaches Programming Language at GTI. Has experience in the area of Computer Science, with emphasis on Basic Software, working mainly on the following topics: evolutionary computing; Genetic algorithms; Cellular automata; And multiobjective optimization.

Keywords: Technology. Management. Experience and Professional Training.

Resumen: José Carlos Bortot graduó en Economía y Administración por la Fundación Santo André (1967) y el grado de maestría en Ingeniería Eléctrica de la Universidad Mackenzie (2003). Es profesor en completa Fatec Itaquaquecetuba y enseña lenguaje de programación en el GTI. Cuenta con experiencia en informática, con énfasis en el software básico, que actúa sobre los siguientes temas: la computación evolutiva; algoritmos genéticos; autómatas celulares; y multiobjetivos optimización.

Palabras clave: Tecnología. Gestión. La experiencia y formación.

São Paulo, 26 de maio de 2016.

REGIT: *Professor José Carlos Bortot como foi sua formação?*

BORTOT: Fiz a graduação em Economia na Fundação Santo André. Meu sonho era fazer o Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA). Mas, tinha que trabalhar e estudar. Então, não pude fazer um bom cursinho e, assim, acabei fazendo a Faculdade de Economia. No terceiro ano do curso, a Prefeitura de Santo André alugou um computador da Burroughs. Esse computador acabou ficando na sala ao lado da minha, no terceiro ano de faculdade. O contrato que a Prefeitura fez com a Burroughs foi o seguinte: “o que eu usar, eu pago. Só que, no contrato, vai ter 40 horas gratuitas para o ensino”. E no meu último ano da faculdade, um professor de econometria chamado Abdala Addad, supondo que o computador seria uma disciplina, pensou grande na época. Pediu para a Burroughs organizar um curso de computador. No final, fui o único que passou nesse curso. E, hoje, o computador adentrou todas as faculdades do mundo. Fui Analista de Sistemas de Burroughs de Serviços, onde desenvolvi sistemas genéricos de Folha de Pagamento, Faturamento, Previsão de Vendas e Contabilidade graças aos estudos.

REGIT: *Isso em que ano professor?*

BORTOT: Foi em 1966, nas férias de julho, porque naquela época o curso era anual. Hoje é semestral. A faculdade iria sair de um lugar pequeno, que agora é a Prefeitura de Santo André e iria para o Sítio Tangará, próximo a Rudge Ramos e hoje é a Universidade do ABC. E os professores teriam que convidar seus melhores alunos para serem seus assistentes na escola maior. E não tinha sido convidado por nem um! (*risos*)

Após ter feito esse curso de computador, o professor tinha convidado um outro colega meu. Mas acabou mudando de ideia. Me convidou para ser o monitor durante os seis meses que faltava para terminar a faculdade. Depois da minha formatura, eu seria o seu assistente. Como monitor, esse professor de econometria, que era o máximo da estatística, pediu que fizesse alguns trabalhos de computador. Desenvolvi várias rotinas e cálculos, que na época não tinha. Eram cálculos com pontos flutuantes, para fazer cálculos com valores decimais. As máquinas só somavam e multiplicavam inteiros. E

fui obrigado a fazer muitas rotinas para poder fazer os cálculos. Hoje, esses cálculos estão na planilha Excell. Naquela época, fazia regressões em econometria. Com isso, eu era, talvez, o único no mundo a fazer cálculos naquela máquina.

Na minha formatura, inclusive, esse professor conversou com meu pai. E fiquei sendo assistente dele por dois anos depois da faculdade.

REGIT: *O Senhor se formou na graduação quando?*

BORTOT: Formei em 1967. No dia seguinte da formatura, o diretor de informática da Fundação Santo André, foi me procurar onde morava em Santo André e ofereceu um emprego no computador da Fundação. A Fundação Santo André havia contratado um trabalho que era o cálculo da poluição da água e do ar no grande ABC. Precisava de alguém que soubesse fazer cálculos; e era o único que sabia. Bateram na minha porta e me perguntaram quanto ganhava no Banespa (Banco do Estado de São Paulo). Ganhava cinco salários mínimos. E ele me ofereceu vinte salários mínimos. Foi meu primeiro emprego no computador.

Fiquei como assistente do professor de econometria e trabalhando no computador, que era o computador da Prefeitura e da Fundação Santo André. Lá fiz a minha primeira folha de pagamento graças aos conhecimentos adquiridos na Faculdade de Economia. Fiz a folha genérica, para rodar CBC (Companhia Brasileira de Cartuchos) e Plastispuma Trorion.

Depois, um italiano apareceu e contratou um serviço da Fundação Santo André. E acabei fazendo, por computador, um programa de horóscopo, que tinha o perfil astrológico e uma previsão para seis meses ou um ano. Ele colocou um encarte no Estadão (*Jornal Estado de São Paulo*) e ficou milionário. A pessoa informava o dia e a hora em que nasceu e, de acordo com os eventos astrológicos, baseados nas posições dos astros, o programa emitia um perfil e a previsão solicitada. Deve ter sido o primeiro horóscopo em computador, aqui, no Brasil.

REGIT: *O professor recorda o ano?*

BORTOT: Isso foi em 1968. Nesse mesmo ano um professor da Fundação e funcionário da Nestlé me procurou para fazer o dimensionamento do primeiro depósito

da Nestlé em Araras. Esse cálculo foi uma regressão baseada em dois anos de vendas da Nestlé, que estava em vários caminhões de cartões perfurados do seu computador IBM.

Também, fiz um contrato com o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem (DNER) para controlar as multas. Entretanto, a Fundação Santo André desistiu desse contrato por achar que não tinha competência para executar. Percebi que não iria mais prosperar nesse emprego e, por isso, sai da Fundação Santo André.

Fui para área bancária, trabalhei inclusive no mesmo computador que tinha na Fundação Santo André. Soube que as universidades em Mogi das Cruzes estavam começando. Como tinha deixado de ser assistente da Fundação Santo André, precisava continuar a dar aulas. Fui na Faculdade Braz Cubas e, por coincidência, era o Professor Maurício Sherman que foi meu diretor no colégio do Instituto de Educação Washington Luiz de Mogi das Cruzes. Perguntou o que fazia e eu disse que era Analista de Sistemas do computador Burroughs B300/500 e respondeu que era exatamente o computador que a Faculdade Braz Cubas estava contratando. Acabei indo trabalhar na Eletron Sistemas S/C e ministrava aulas de computador em qualquer faculdade que tivesse problemas. Essa disciplina não existia e, portanto, não estava na grade de nenhuma faculdade.

Depois fui trabalhar na Singer Business Machines e fui enviado para Okland Califórnia, onde fiz o curso do computador chamado System Tem da Singer. Estive em Okland por pouco mais de trinta dias e voltei com o conhecimento necessário para montar uma equipe e implantar o Sistema Dez, em várias empresas no Brasil. No treinamento em Okland conheci o primeiro Ponto de Venda eletrônico do mundo chamado Singer-MDTS, que eu trouxe para o Brasil. O Sistema Dez podia atender até 180 MDTS em uma mesma loja e, por este motivo, foi instalado em vários Duty Free Shop do mundo.

A Singer apostou que venderia muito na Sears Roebuck e isso não aconteceu. Assim, essa empresa acabou fechando e tive que partir para outra empresa.

Logo, fui para uma empresa chamada GTE Telecomunicações, a qual vendeu para Embratel um sistema de computador chamado MDS-2400 da Mokawk Data Sciences. Fui contratado em São Paulo e dois cariocas estavam fazendo um curso de três meses em Zurique na Suíça, onde era a central internacional da Mokawk. Passei a estudar a máquina do lado de uns técnicos que estavam montando a máquina, em São Paulo. Os cariocas retornaram da Suíça acompanhados de dois suíços e um alemão da equipe de desenvolvimento da Mokawk Internacional. Fui morar no Rio de Janeiro,

com minha ex-esposa, para me juntar a eles e desenvolver o Sistema DDD-Discagem Direta à Distância da Embratel.

Quem projetou esse sistema foi uma mulher, a primeira analista que conheci aqui no Brasil, no ano de 1972. Ela chamava Thalia. Deve estar viva até hoje. Com um dos analistas suíços e o alemão, aprendi a escrever protocolo de comunicação para fazer com o MDS-2400 e transmitir os dados para o central IBM da Embratel. Assim, aprendi o que é telecomunicação.

Um dos cariocas, o Maurício voltou amigado com a mulher de um dos instrutores suíços da Mohawk e foi demitido por ter causado um problema internacional. O outro carioca, o Zé Antonio, comprou um monte de coisas na Suíça e não aprendeu coisa alguma. O Suíço que ficou no Brasil, o Hans Valenvein, descobriu a mulata carioca e não aparecia para trabalhar. Praticamente, programei sozinho o sistema DDD da Embratel e, graças a isso, passei a ser reconhecido internacionalmente.

O MDS-2400 era um computador maravilhoso e a GTE Telecomunicações o vendeu para várias empresas. Eu e minha equipe instalamos vários em todo o Brasil até que o Governo Militar proibiu a importação de equipamentos estrangeiros. Os computadores teriam que ser fabricados no Brasil e, assim, a GTE decidiu fechar a divisão de telecomunicações. Permaneci nessa empresa por quase cinco anos.

REGIT: *O professor sabe o sobrenome dessa profissional, Thalia?*

BORTOT: Não lembro! Já tentei procurar. Nos encontramos em um Congresso de Tecnologia uma vez. Ao ter minha primeira filha, ela recebeu o nome da Thalia, em homenagem. Pois, Thalia me fez aparecer profissionalmente na Embratel.

Um dia, o diretor da Embratel quis ver o sistema e percebeu que não estava como queriam. Pedi três dias de prazo. No primeiro dia, fiz oitocentas alterações em um programa de duas mil linhas. Depois, apresentei a eles. Descobriram que faltavam coisas, que tinham esquecido de colocar na especificação. Deram um prazo maior para que fizesse. Quando completou o prazo dos três dias, terminei a tarefa e fui correndo para Poá, pois meu primeiro filho tinha nascido enquanto eu estava terminando o DDD (hoje 21) da Embratel. Minha vida foi sempre assim, trabalho!

Por causa do Regime Militar, iniciado em 1964, tive que mudar mais uma vez e fui para uma empresa de automação comercial chamada Sweda Internacional. Um

americano veio me entrevistar e, eu e minha família, fomos morar em Morristown em Nova Jersey, nos Estados Unidos. O escritório e a fábrica da Sweda ficavam em Pine Brook perto de minha casa. Morei nos Estados Unidos por pouco mais de três meses para modificar e preparar o sistema de automação comercial, chamado Sweda-800, para a rede de lojas Mesbla.

A primeira loja da Mesbla da Rua do Passeio na cidade do Rio de Janeiro foi implantada, em 1976, com 64 terminais Sweda-800 e um servidor Nova 3 da Data General. Essa loja foi a primeira loja magazine *on-line* do hemisfério sul. A segunda loja de Niterói foi implantada e veio novamente o Regime Militar e acabou com a festa.

Disso, fui procurado pela Sharp associada ao Bradesco para ir trabalhar como Projetista de Sistema na SID-Informática (empresa coligada Sharp e Bradesco), em 1981. Era um sistema de automação bancária do Bradesco. Fui um dos responsáveis dessa área para colocar esse tipo de sistema de automação no Bradesco. Na primeira reunião com a diretoria, perguntei quanto investiriam nesse projeto. A resposta foi: “olhe, custe o que custar. A única coisa que queremos é chegar antes do concorrente”. Esse era o propósito da implantação da automação bancária desse banco no país.

Fui gerente de projetos especiais e, depois da automação do Bradesco. Implantei outros vinte e sete bancos com uma equipe de quarenta e oito analistas/programadores.

O Banco Francês e Brasileiro foi implantado por minha equipe e me pediram para que fosse para França para conhecer e melhorar o sistema bancário do Credit Lyonnais, matriz do Banco Frances. Lá, morei por três meses e nasceu a minha primeira filha mulher que recebeu o nome da Thalia, que me valorizou profissionalmente na Embratel, conforme disse anteriormente.

Uma empresa nacional foi montada para suprir o mercado carente de automação comercial devido ao fechamento de mercado pelo Regime Militar. Essa empresa chamada Tecnodata era composta por treze sócios e seus técnicos copiaram o que havia sido feito pela Sweda na Mesbla. Conseguiram fechar um contrato de fornecimento de duzentos terminais de ponto de venda, mas não passou de um sonho pois, após o fechamento do contrato cada sócio recebeu um Ford Del Rey e as peças para a fabricação dos terminais não foram adquiridas.

A Mesbla desesperada, voltou na Sweda e propôs o seguinte: compre a Tecnodata e contrate o Bortot pelo salário que ele quiser e faremos um adiantamento para quinhentos terminais ponto de venda, que serão fabricados pela Tecnodata. Na

nova Tecnodata, conservamos apenas o Diretor Técnico de Fabricação e fiquei como Diretor de Software. Implantamos a Mesbla com novos terminais de caixa, inclusive já com os servidores nacionais.

Na automação comercial, fiquei mais ou menos uns vinte anos. E uns cinco anos na automação bancária. Isso totaliza vinte e cinco anos de implantação de sistemas de automação comercial e bancária.

REGIT: *Na docência, o professor lembra em que ano o senhor deu aula na Faculdade Braz Cubas e hoje UBC?*

BORTOT: Acho que iniciei em 1970. Dei três anos de aula na Faculdade Braz Cubas, hoje UBC e cinco ou seis anos na OMEC, hoje UMC. Dava aulas somente a noite, porque trabalhava em empresa durante o dia.

Com o tempo, sai da Sweda e fui para o Macro Atacadista, fiquei lá por oito anos. Fiz o sistema de automação comercial deles. Fui três vezes para Holanda, porque a matriz do Makro era holandesa e, hoje, não é mais. Naquela época era uma empresa holandesa, fui para lá, e acabei fazendo um sistema, inclusive com coisas que a Holanda tinha feito, e que aproveitei depois, aqui, no Brasil.

Em 1979, trouxe o primeiro scanner para o Brasil. Esse scanner de balcão, foi o primeiro para ler código de barra e utilizado para motivar a vinda do código EAN-13. Para isso, precisávamos que os produtos no Brasil tivessem nos rótulos o código de barra. Procuramos a Nestlé, uma vez que tinha muita amizade nessa empresa. Também procuramos o presidente da Associação Brasileira de Automação Comercial (ABAC), um dos diretores se chamava Antônio Galvão. Esse grupo procurou um deputado federal chamado Nelson do Carmo, dono do Supermercado Vem-Ká, em Sorocaba. Necessitava de um deputado federal para forçar o uso do código de barra, que seria o Código Nacional de Produto. Em 1986, o Presidente do Brasil, o militar João Figueiredo, assinou a Lei de uso que o Código Nacional de Produto para uso do código de barra, que serve até hoje e vai ficar mais um tempo.

REGIT: *Agora tem o QrCode, o senhor já viu?*

BORTOT: Sim, tem o QrCode. Mas, vai demorar para entrar. Esse é melhor porque tem mais dados, mais complexo, e ainda temos o *chip* RFID (Identificação por Rádio Frequência), que muito usado nos paletes. O QrCode caminha para substituir o código de barra, embora ainda é um pouco grande em relação ao código de barra. O problema do código de barras EAN-13 é que traz apenas o código do produto e mais nada, enquanto o QrCode e o RFID trazem lote e validade do produto e outras possíveis indicações.

Na Makro Atacadista, trabalhei como consultor por oito anos e como trabalhava demais houve a separação do meu primeiro casamento. Meu contrato com a Makro Atacadista tinha expirado. Então, apareceu um sujeito do Colorado, nos Estados Unidos, que gostaria que eu colocasse as impressoras fiscais brasileiras em seu sistema de automação comercial.

Queria vir inclusive para o Brasil, pois já tinha seu sistema de automação comercial no mundo inteiro. A ideia era adaptar o software dele, que já estava no Carrefour, usando as impressoras importadas e o governo brasileiro não estava de acordo, pois o fisco controla os impostos através das nossas impressoras fiscais. Por esse motivo, precisava de mim para que o software dele adaptasse com as impressoras fiscais.

A primeira parcela, recebi no Brasil e segunda em Golden no Colorado e a terceira quando voltei para o Brasil.

REGIT: *Chamava Golden Colorado?*

BORTOT: Não! A empresa chamava Jim Maggie Associates, mas era em Golden no Colorado. Golden é uma cidade norte-americana, onde se fazia exploração de ouro. Esse lugar era famoso pelas minas de ouro. Passei quarenta dias trabalhando e, nos fins de semana, pude passear no Colorado. Foram passeios maravilhosos pelas Montanhas Rochosas e pude inclusive visitar e conhecer Aspen; a mais famosa estação de esqui dos Estados Unidos.

REGIT: *E depois?*

BORTOT: Quando voltei tinha recados do Pão de Açúcar me procurando e fiquei mais oito anos com muito trabalho, principalmente na parte de automação comercial. Pegava as transações realizadas pelos pontos de venda de cada loja e colocava esses dados no central IBM do Pão de Açúcar para processar a reposição das lojas.

Ainda no Pão de Açúcar, fiz um sistema para a pesquisa de preço da empresa, que era uma outra área de automação comercial. O pesquisador vai no concorrente se identifica e anota os preços dos produtos desejados na pesquisa. Antes, anotavam em uma planilha impressa em papel e colocada em uma prancheta. Utilizei uma Cassiopéia, *palm top* da Cássio cujo o sistema operacional era o Windows CE. Esse sistema operacional continua sendo usado em alguns equipamentos de GPS – *Global Positioning System*.

Depois, ajudei a resolver problemas no sistema de lista de presentes que ocorreram na compra de algumas lojas do Mappin pelo Pão de Açúcar.

Antes de ter surgido a urna eletrônica, eu era Secretário Geral de Apuração da Comarca de Poá (Poá, Itaquaquetuba e Ferraz de Vasconcelos) e nas eleições utilizava os computadores da empresa onde trabalhava, com programas por mim desenvolvidos, para dar maior velocidade na apuração, que na época era manual. Houve algumas eleições com trinta e dois terminais para as mesas de apuração e dois para os repórteres dos jornais, proporcionando a apuração on-line.

Quando houve o primeiro processo de cópia de software no Brasil (Microsoft x ProLógica), o juiz que o recebeu me intimou a ser o seu perito, porque havia trabalhado comigo nas eleições da cidade de Poá. Tal fato provocou uma reportagem na Revista *Veja* (Edição 1.217 ano 25, 15/01/92). No mesmo ano, a Câmara Municipal de Poá me outorgou o título de Cidadão Poense por relevantes serviços prestados.

REGIT: *Como chegou no Mestrado?*

BORTOT: Contudo, comecei a perceber que estava velho, porque tudo que era mais fácil era destinado aos mais jovens e para mim era sempre o mais difícil e complicado.

Decidi fazer o mestrado, em 1999. Fiz o mestrado na Engenharia Elétrica, Ciência da Computação, Inteligência Artificial, porque tinha bolsa na Universidade Mackenzie. Durante dezoito anos, fui professor do Mackenzie e com o mestrado tive que dispor de muitas aulas para concluir com sucesso.

E, por sorte, tive uma orientadora jovem, que me ajudou muito. Ela me escolheu porque meu forte era programação. Minha dissertação foi em computação evolutiva, utilizando Algoritmos Genéticos e os resultados cada vez melhores foram apresentados em congressos na Austrália e no Canadá. Fiz um sistema chamado Cooperativo, com processamento paralelo, que utilizava as quinhentas máquinas dos laboratórios do Mackenzie. O sucesso dos resultados fez que a minha defesa fosse protelada e só consegui após várias discussões com a orientadora; e a quem devo muito.

REGIT: *O Senhor começou em 1999, no Mestrado, e defendeu quando?*

BORTOT: Foi em 2002. Demorou dois anos e meio. Poderia defender em dois anos, mas a orientadora não deixou, estava tudo escrito, o recorde estava próximo. Ela segurou mais um pouco e acabei até brigando para conseguir defender. A universidade Mackenzie precisava de mim como mais um título. Era um professor que não tinha título. Acabei defendendo e tirei dez na apresentação. Na banca de Defesa, foram dois professores do ITA e ela.

Pensei, agora vou me dedicar mais a ser professor. Dava aula em várias faculdades e um dia, em Poá, o diretor da Fatec de Itaquaquecetuba me ligou em casa. Precisavam de um professor para sistemas operacionais de computadores, que era o único candidato. Vim para o concurso. Acredite, a indicação foi de um aluno daqui, que era pai de uma colega da minha filha mais nova, em Poá.

REGIT: *Na Fatec Itaquaquecetuba, o Senhor entrou quando?*

BORTOT: Acho que entrei em 2008. Aqui foi aberto em 2007. Mais três semestres. Não tinha professor para Sistemas Operacionais no curso Informática para Gestão de Negócios (IGN).

REGIT: *Então, o professor está aqui a oito anos?*

BORTOT: Oito anos!

REGIT: *O Senhor está na Fatec Mogi das Cruzes e aqui?*

BORTOT: Na Fatec Itaquaquecetuba, dou a disciplina Linguagem de Programação no curso de Gestão em TI, uma vez por semana.

Em 1999, quando iniciei o mestrado, disse para a atual mulher que tinha um sonho a realizar: construir um barco a vela para viajarmos pelo mundo. Já tinha a forma para fibra de vidro e, com minhas próprias mãos, levei nove anos para construir um barco a vela com dois quartos, sala, cozinha, banheiro e mesa de navegação. Quando tinha dinheiro, fazia o barco e, quando não tinha, fazia o software de navegação que utiliza Inteligência Artificial, que aprendi durante o mestrado. Este software inovador foi apresentado, em 2013, em um Congresso de Inteligência Artificial aplicada, em Taipei em Taiwan.

REGIT: *Quando ficou pronto este seu barco?*

BORTOT: No ano de 2009, foram nove anos, na época da gripe suína. Em agosto, o barco foi para a água no litoral do Guarujá, todo montado. Meu filho mais velho e eu, nunca tínhamos navegado antes, fomos do Guarujá até Ilhabela, que duraram dez horas de viagem. São 100km, dez horas de viagem, 10km por hora o barco a vela vai, quando está com pouco vento.

REGIT: *E como foi o Jogo digital Bortot que os alunos da Fatec Itaquaquecetuba fizeram?*

BORTOT: Morava em Poá e pegava trem para estudar em Santo André. Depois fui trabalhar na Embratel no Rio de Janeiro. Quer dizer, de vez em quando, me cito como exemplo nas aulas. Falo: sou daqui de Poá e consegui viajar pelo mundo, graças ao que aprendi com os professores. Então, eles sabem pedaços da minha história. E isso usaram para produzir o *game*.

Na Fatec Mogi das Cruzes, aconteceu a mesma coisa. Uma aluna, fazendo a segunda faculdade (antes fez cinema), agora faz o curso Análise de Desenvolvimento de Sistema (ADS). Ela perguntou se poderia fazer um documentário. E foram oito pessoas em casa para gravar com câmera, holofote, som, microfone etc. Agora, falta filmar a parte do barco.

Tenho muita história para contar, principalmente das pessoas que trabalharam comigo e, por motivos pessoais, preciso com urgência escrever um livro.

REGIT: *Vi sobre a Itautec, no Aeroporto de São Paulo. Fiz uma viagem em maio deste ano e li essa reportagem no jornal, inclusive lembrei do professor Bortot.*

BORTOT: Essa empresa começou 15 anos depois que eu havia começado. Acho que, talvez, foi esse sujeito um dos percussores. Estou exagerando, mas precisava fazer esse tipo de coisa, fazer com que apareça as várias pessoas que trabalham comigo. Sempre comento com os alunos: olha fiz isso, fiz aquilo. Então, decidimos fazer o Bortot como jogo aberto. Agora, tem o documentário. O fato tem a motivação semelhante.

Além disso, em 2010, fui chamado para dar consultoria no CET – Digital desenvolvido em JAVA tendo como base o JBOSS.

REGIT: *Vamos encerrar, mas seria importante se fizesse um balanço do professor com o alunado – esse jovem que tem sede de tecnologia e a expectativa de trabalhar com o digital.*

BORTOT: Estou angustiado, porque o pessoal de GTI não tem feito o esforço que gostaria que fizesse. Não corresponde. Tem turma que fiquei entusiasmado, aquele pessoal que está fazendo inclusive agora, controle de entrada da portaria da Fatec. Ajudei nos momentos que precisavam. São alunos interessados. Uma outra turma, foi o pessoal que fez o Bortot – o jogo digital, que não são alunos espetaculares.

Houve um aluno, chamado Gilson, que foi na Accenture, uma das maiores empresas de consultoria do mundo e, graças aos conhecimentos adquiridos em nossa FATEC, conseguiu o emprego.

Também, tivemos alunos aqui que são professores da ETEC. Um deles o Luiz Pena veio fazer uma palestra na FATEC de Itaquaquecetuba. O curso de GTI – Tecnologia da Informação é muito interessante e a disciplina de Linguagem de Programação em conjunto com Banco de Dados e Projeto I e II emprega aos alunos com um cabedal de informação proporcionado pelos professores de gestão.

REGIT: *Então, o professor vê a Fatec como uma oportunidade profissional?*

BORTOT: Demais. E acho que não estão aproveitando. Deveriam aproveitar melhor! Tive uma aluna em Mogi das Cruzes, era de uma cidadezinha indo para Bertoga, daquelas bem pequenina. Ela trabalhava em uma lanchonete, fazendo sanduiche. Seu nome é Natali. Já está formada. Há uns quatro meses atrás, ela veio na sala de aula à noite, e falou para os alunos: “ouçam o que este velho fala”. Na porta estava o noivo dela. Eles foram me mostrar o carro zero que ela comprou. Isso é que nos emociona. Ela foi uma grande aluna que fazia sanduiches e valorizou os estudos.

REGIT: *Ela soube reconhecer!*

BORTOT: E não é só isso. Aproveitou a oportunidade de estudar. E sempre falo: tudo que devo, devo aos meus professores. Inclusive, fiz uma palestra na ETEC de Poá e falei: vão lembrar dos seus professores no dia em que estiverem na Torre Eiffel (*risos*), bebendo champanhe naquele copo comprido, a espuma. Então, vocês vão falar assim: “eu devo muito aquele professor que me reprovou dez vezes. Mas me fez chegar aqui”. Este é o fato!

Em 14/10/2016, representando a FATEC de Itaquaquecetuba, recebi o 1º Prêmio Professor Destaque do JornalItaqua.com no Salão de Festas Perez Eventos em Itaquaquecetuba. O meu orgulho maior foi estar representado esta nossa maravilhosa FATEC, que tanto serve à sociedade itaquaquecetubense!